

TREINOS MORTAIS: DESVENDANDO NARRATIVAS DE SAÚDE E RISCO EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA

DEADLY WORKOUTS: UNRAVELING HEALTH AND RISK NARRATIVES IN GYMS

Alan Camargo Silva 1
Eduardo Pinto Machado 2

Resumo: Investigou-se, a partir da análise de 25 reportagens publicadas em veículos de comunicação brasileiros entre 2012 e 2022, como revistas e jornais online tratam a morte súbita em academias. Identificou-se que as notícias analisadas tendem a enfatizar a relação entre exercício físico e a medicina como uma forma de prevenir mortes súbitas, apontando para a importância de avaliações médicas prévias e contínuas. Percebeu-se uma transferência de responsabilidade para os/as praticantes, desconsiderando as barreiras estruturais e as pressões normativas que podem impactar suas escolhas. Concluiu-se que a análise conjunta da abordagem biomédica e das dimensões humanas e sociais é essencial para uma compreensão abrangente dessas reportagens, destacando a necessidade de uma abordagem holística que considere a interação entre indivíduos, sociedade e saúde.

Palavras-chave: Academias de Ginástica. Antropologia. Jornalismo. Meios de Comunicação de Massa. Morte súbita.

Abstract: Through the analysis of 25 articles published in Brazilian media outlets between 2012 and 2022, we investigated how fitness magazines and online journals approach the phenomenon of sudden death within the context of gymnasiums. It was observed that the examined news reports tend to underscore the correlation between physical exercise and medicine as a preventive measure against sudden fatalities, emphasizing the significance of pre-existing and ongoing medical evaluations. There is a discernible shift in responsibility towards fitness practitioners, disregarding the structural impediments and normative pressures that could sway their choices. This leads to the conclusion that a comprehensive understanding of these reports requires a dual analysis of both the biomedical perspective and the human and societal dimensions. This underscores the imperative for a holistic approach that takes into account the intricate interplay among individuals, society, and health.

Keywords: Gyms. Anthropology. Journalism. Mass Media. Sudden Death.

1 Doutor em Saúde Coletiva (UFRJ). Coordenador do GTT Corpo e Cultura do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0220960603229593>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1729-5151>. E-mail: alancamargo10@gmail.com

2 Doutor em Ciências do Movimento Humano (UFRGS). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8552961506497395>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1137-8442>. E-mail: eduardo.machado@ufrgs.br

Introdução

A morte e o morrer podem ser analisados em suas dimensões simbólicas, sociais e culturais, já que cada grupo de sujeitos, em determinado tempo histórico, concebem esses fenômenos humanos de forma singular. Nesse sentido, os aspectos universais e biológicos que circundam a finitude da vida devem ser relativizados e desnaturalizados continuamente, por diferentes instâncias políticas, civis e institucionais, nas diversas sociedades contemporâneas. Para Mauss (2015), o corpo morto assume um sentido e um significado particular a depender de quem morre e de quando ocorre a morte.

Assim, questiona-se como a morte súbita, especificamente no âmbito das academias, vem sendo considerada por dois dos aparatos mais usados nos meios de comunicação atualmente: as revistas e os jornais *online*. Problematiza-se, portanto, aqui, até que ponto os meios de comunicação de massa – que filtram como e o que será noticiado (Wolf, 1999) – contribuem para a construção social da morte (Rodrigues, 2017).

Foi possível encontrar apenas dois estudos que se preocuparam com a morte súbita no contexto das práticas corporais. Em tom ensaístico, Silva (2022a) identificou como os falecimentos e os possíveis riscos à saúde (principalmente no futebol) parecem ganhar destaque pela mídia nacional. O autor problematizou os modos como os aspectos profissionais, jurídicos e mercadológicos do esporte são superficialmente abordados nas matérias jornalísticas. Já no contexto do fisiculturismo, Machado e Silva (2023) observaram como as notícias privilegiavam um ideal de viver/morrer, ditando uma forma normativa ou ideal de ser corpo.

Diante desse panorama teórico-empírico, argumenta-se sobre a relevância de estranhar a secundarização ou apagamento do debate midiático sobre morte súbita de praticantes comuns de práticas corporais – no caso aqui, no contexto das academias –, pela perspectiva sociocultural. Ao mesmo tempo em que se observa uma valorização na mídia de corpos ativos, saudáveis, belos e pujantes pela racionalidade (neo)higienista e biomédica que permite o consumo do culto de si (Castro, 2007), identifica-se a necessidade de aprofundamentos analíticos sobre as divulgações referentes à morte súbita em academias, em diálogo com o campo da Comunicação. Nesse meio, Mendes, Vianna e Felix (2022) ponderam sobre a relevância de contrabalançar matérias leves e pesadas em virtude do possível impacto socioemocional do público leitor.

Destarte, a potência da presente investigação impacta nos seguintes pontos: em primeiro lugar, entende-se que estudar a morte súbita no espaço das academias, por meio dos veículos de comunicação, pode representar e revelar aspectos da própria vida em sociedade (Silva, 2022b). Em segundo lugar, baseando-se em Prior (1989), acredita-se que tratar a morte súbita nos veículos de comunicação para além da anatomia do corpo pode fazer emergir aspectos sociais, econômicos e políticos no âmbito das práticas corporais. Por último, sugere-se que humanizar os corpos que morrem em academias via uma análise crítica centrada em aparatos midiáticos permite mitigar um processo de medicalização atrelado ao óbito, aspecto esse estudado por Lima, Carrieri e Leibing (2021).

Assim, o presente estudo teve como objetivo investigar como revistas e jornais *online* tratam a morte súbita em academias de ginástica¹.

Metodologia

Metodologicamente, este estudo insere-se na abordagem compreensiva, em especial pela via hermenêutico-dialética, que busca analisar a tensão da linguagem em dado contexto cultural (Minayo, 2010). O trabalho, de caráter exploratório-descritivo, caracteriza-se por uma pesquisa documental que trata de materiais “de primeira mão”, ou seja, que ainda não receberam tratamento analítico-interpretativo (Gil, 2008).

¹ Este estudo é derivado do projeto de pesquisa intitulado “Corpos mortos nas práticas corporais e esportivas”, desenvolvido em colaboração interinstitucional entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Está registrado sob o número 44588 junto à Comissão de Pesquisa desta última instituição.

Em janeiro de 2023, a construção do material empírico, representado pelo conjunto de notícias, baseou-se nos seguintes critérios de seleção: a) reportagens de livre acesso que emergiram a partir dos descritores “morte súbita” and “academias de ginástica” no buscador *online Google* notícias; b) período entre 01/01/2012 a 31/12/2022. A busca resultou em 260 ocorrências a partir da organização por data, eliminando as duplicações dos materiais. Após a leitura da manchete e da chamada de todas as notícias, foram selecionadas 25 reportagens para a análise em função do objetivo do presente estudo, já que alguns achados não correspondiam ao tema em tela. Além disso, foram privilegiadas notícias da última década que se vinculavam essencialmente aos jornais e revistas *online*, independentemente da seção/coluna jornalística.

Para o tratamento dos dados, o trabalho seguiu a orientação de análise de conteúdo temática de Gomes (2010), quando propõe respeitar os princípios de homogeneidade, exaustividade, exclusividade, concretude e adequação. Assim, o processo de construção das categorias foi desenvolvido após o contato com o material documental. Foram criadas unidades de registro de uma ou mais reportagens, por temas que se aproximavam ou se distanciavam entre si. Essa aproximação do *corpus* se estabeleceu em duas etapas, como recomenda Gomes (2010): primeiramente, foi realizada uma “leitura flutuante” das notícias a fim de captar as primeiras impressões brutas ou descritivas; em um segundo momento, houve a exploração e interpretação analítica do material propriamente dito.

Resultados e discussão

A apresentação e discussão dos resultados foram norteadas e desenvolvidas a partir das seguintes categorias temáticas, derivadas das reportagens registradas no Quadro 1: a) Malhar pode matar!; b) Reflexões sobre a supremacia do saber médico nas narrativas sobre um “treinamento seguro”.

Ressalta-se que a análise temática empreendida aqui leva em conta as enunciações linguísticas das reportagens. Desse modo, uma mesma reportagem pode conter diferentes temas no seu conteúdo jornalístico. Além disso, deve-se alertar que o buscador *online Google* contém algoritmos que (de)limitam o conteúdo acessível. Isso significa que o número de reportagens encontradas neste trabalho não representa efetivamente a quantidade de casos veiculados na mídia impressa.

Quadro 1. Reportagens sobre morte súbita em academias de ginástica entre 2012 e 2022

Identificação alfanumérica da reportagem	Link da notícia	Data da publicação
R1	https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ultima-hora/mundo/mulher-morre-em-academia-ao-fazer-serie-de-agachamentos-veja-video-1.3310544	09/12/2022
R2	https://www.maisgoias.com.br/mundo/mulher-sofre-mal-subito-e-morre-quando-fazia-agachamentos-com-peso-em-academia-video/	08/12/2022
R3	https://www.metroworldnews.com.br/social/2022/12/08/exercicio-mortal-mulher-tem-mal-subito-durante-agachamentos-em-academia/	08/12/2022
R4	https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2022/05/11/avaliacao-medica-antes-de-entrar-na-academia-pode-reduzir-riscos-de-infarto-e-morte-subita-diz-medico.ghtml	11/05/2022
R5	https://diariodeuberlandia.com.br/coluna/6285/morte-subita-na-academia-e-possivel-prevenir	15/10/2022

R6	https://www.metroworldnews.com.br/foco/2022/02/24/mulher-de-33-anos-sofre-mal-subito-e-morre-durante-treino-em-academia-de-salvador/	24/02/2022
R7	https://pebmed.com.br/desafio-clinico-jovem-com-parada-cardiorrespiratoria-na-academia/	20/11/2022
R8	https://ricmais.com.br/seguranca/video-mulher-morre-durante-treino-em-academia/	05/12/2022
R9	https://www.acidadeon.com/campinas/cotidiano/Mal-subito-especialistas-alertam-para-mortes-em-atividades-fisicas-20201017-0011.html	17/10/2020
R10	https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2019/06/20/personal-tem-mal-subito-e-morre-em-treino-na-esteira-como-evitar-problema.htm	20/06/2019
R11	https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2019/04/12/a-vida-dele-era-a-academia-diz-irmao-de-lutador-que-sofreu-morte-subita-apos-treino.ghtml	12/04/2019
R12	https://www.tnh1.com.br/noticia/nid/homem-tem-parada-cardiaca-em-academia-da-ponta-verde-e-morre-a-caminho-do-hge/	25/11/2022
R13	https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2017/10/26/vai-comecar-a-academia-examinar-seu-coracao-deve-ser-o-primeiro-passo.htm	26/10/2017
R14	https://nx1.com.br/2022/12/08/mulher-de-28-anos-sofre-mal-subito-e-morre-quando-fazia-agachamentos-em-academia-veja/	08/12/2022
R15	https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/empresaria-sobrevive-apos-parada-cardiaca-de-16-minutos-no-es-0721	27/07/2021
R16	https://www.gazetaweb.com/noticias/maceio/apos-casos-de-morte-subita-em-maceio-medico-acende-alerta/	14/12/2022
R17	https://ge.globo.com/eu-atleta/saude/noticia/quais-exames-medicos-previos-sao-recomendados-para-um-atleta-amador.ghtml	07/06/2017
R18	https://boaforma.abril.com.br/movimento/consultar-um-medico-antes-de-treinar/	29/06/2021
R19	https://revistamarieclaire.globo.com/EuLeitora/noticia/2021/08/meu-coracao-parou-de-bater-por-16-minutos.html	13/08/2021
R20	https://istoe.com.br/educadora-fisica-sofre-parada-cardiaca-de-16-minutos-e-consegue-voltar-a-vida/	28/07/2021
R21	https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/11/familia-acredita-que-jogador-morreu-por-misturar-energetico-e-cerveja.html	20/11/2023
R22	https://noticias.r7.com/saude/quer-comecar-a-malhar-avaliacao-medica-e-essencial-para-evitar-problemas-de-saude-25012014	24/01/2014
R23	https://www.webrun.com.br/avaliacao-medica-para-exercicio-eu-preciso/	09/06/2021
R24	https://setorsaude.com.br/atividades-fisicas-podem-fazer-mal-ao-coracao/	07/11/2022
R25	https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/nutricao/escolha-o-seu-suplemento-e-tome-o-com-os-devidos-cuidados,dddfe09858652410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html	14/11/2013

Fonte: elaborado pela autoria (2023).

Malhar pode matar!

Grande parte das notícias destaca que o/a praticante faleceu no espaço da academia e que não possuía nenhum indício de que tal acontecimento poderia ocorrer: “A família da mulher ainda contou que ela era frequentadora assídua da academia e não apresentava histórico de doença” (R1)²; “Em entrevista ao G1, Diego contou que o irmão trabalhou normalmente no dia e que foi direto treinar em uma academia da cidade” (R11).

Expressões como “não apresentava histórico de doença”, “era assídua nos exercícios” ou “caiu no chão de repente sem explicações” são construídas ao longo das notícias no sentido de que qualquer pessoa teria o potencial de morrer. Nesses casos, interpreta-se que se expor à “malhação” pode gerar um sentimento de morte em potencial.

O teor de tais reportagens se coaduna com a perspectiva de Le Breton (2009) de que, a todo instante, o sujeito vive entre preocupações sobre a contenção de riscos e de comportamentos que expõem os indivíduos. Cria-se, portanto, um automonitoramento rigoroso do corpo em busca de uma não “falibilidade de si”, aspecto este reiterado no contexto sociocultural (Seymour, 1998).

Desse modo, as próprias academias retratadas nas reportagens acabam assumindo um espaço de regulação moral e de controle dos sujeitos, que devem administrar o corpo de modo “racional”. Essa realidade dialoga com a perspectiva de Foucault (1985), quando explora a ideia de que a vigilância corporal está atrelada eminentemente a diversos discursos de cuidado de si, inspirados na racionalidade médica.

Além disso, as coberturas jornalísticas reduzem a causa da morte a um mal súbito ou terminam a matéria com um suspense. Tal fato se complexifica quando algumas reportagens tentam buscar explicações para o falecimento. Isso pode ser detectado em passagens como, por exemplo, “Família acredita que jogador morreu por misturar energético e cerveja” (R21); “Ainda não se sabe exatamente a causa da morte, mas a suspeita inicial é de que ela tenha sofrido um mal súbito” (R6).

Afirmações como “Estava malhando com pesos leves!”, “Não eram atividades aeróbias para afetar o coração!”, “Acredita-se que tenha sido uma mistura de bebidas!” ou “A causa da morte ainda será investigada” são recorrentes em grande parte das notícias. Nota-se que as especulações ou possíveis explicações para as mortes em academias deixam o sujeito leitor à vontade para múltiplas apreensões do conteúdo jornalístico.

Assim, o gerenciamento da vida físico-esportiva se estabelece em um *continuum* entre “treinar” ou “morrer”. A liminaridade entre as múltiplas verdades sobre a causa *mortis* torna quem frequenta as academias um gestor de autocuidados e, por consequência, pode levar a uma obediência moral e obrigatória desses sujeitos. Nessa direção, pode-se afirmar que “já não é o corpo a base do cuidado de si; agora o eu existe só para cuidar do corpo, está a seu serviço” (Ortega, 2003, p. 68).

Logo, os imperativos ético-morais sobre o corpo delineados pelas reportagens sobre “tomar cuidado” com a morte ao se exercitar sugerem que “qualquer coisa” pode afetar negativamente a vida a “qualquer momento”. Essa autovigilância permanente cultuada nas coberturas jornalísticas sobre esse tema gera lógicas de domínio do corpo na direção apontada por Foucault (1985, p. 108): “Essa preocupação com o meio, lugares e momentos exige uma perpétua atenção a si, ao estado em que se está e aos gestos que se faz [sic]”.

As coberturas jornalísticas também exploram os relatos de pessoas que sobreviveram ao evento de morte súbita. Geralmente as reportagens destacam a “boa” preparação físico-orgânica que os/as praticantes tinham antes do chamado mal súbito. Por vezes, tais notícias nomeiam os sujeitos de atleta, praticante assíduo(a) de exercícios físicos ou *personal trainer*, em uma alusão ao não sedentarismo como um aspecto que os salvaria da “não morte”. Exemplarmente, isso pode ser visto nas seguintes perspectivas discursivas: “Casos de atletas e mesmo de pessoas comuns vítimas de mortes súbitas não são tão incomuns como a maioria das pessoas pensam” (R6); “‘A vida dele era a academia’, diz irmão de lutador que sofreu morte súbita após treino” (R11); “[...] teve uma

² Os recortes empíricos destacados no texto serão acompanhados das suas identificações alfanuméricas das reportagens, como descrito no Quadro 1.

morte súbita depois de passar mal enquanto praticava exercícios na orla de Cruz das Almas, em Maceió. Ele era *personal trainer*, corredor ultramaratonista e triatleta” (R12).

Ao longo das notícias, percebe-se que ter um corpo “competente” em termos físico-orgânicos pelo fato de ser supostamente “ativo” ou “saudável” surpreende quem escreve ou edita a reportagem. Os relatos de sobreviventes do tal mal súbito individualizando a sua história de vida assumem um “tom inspirador” e que aproxima quem lê de quem sofreu o processo de morrer por alguns minutos. Por vezes, a abordagem da morte nessa direção desvela uma espécie de eternização daqueles que “faleceram treinando”. Essa idealização ou construção imaginária também pode ser vista na pesquisa de Gonçalves (2012).

Esses dispositivos comunicacionais de noticiar o morrer em academias são acionados minuciosamente nas reportagens e suscitam os diversos sentidos e significados que são atribuídos ou apropriados pelos sujeitos leitores no que diz respeito à morte. Ribeiro (2015), com a chamada “morte midiaticizada”, revela a importância de explorar esse universo da Comunicação que atualmente se torna protagonista em revelar aspectos fundamentais sobre as compreensões acerca da finitude da vida. No caso aqui, “malhar” pode converter-se em uma condição de “morrer”.

Reflexões sobre a supremacia do saber médico nas narrativas sobre um “treinamento seguro”

Parte das notícias analisadas também lembra a importância da medicina para uma suposta salvação ou prevenção contra a morte súbita em academias, sem qualquer menção a outra área do campo da Saúde. As coberturas jornalísticas seguem esta tendência discursiva: “Quando nos inscrevemos na academia entendemos como uma vitória, o primeiro passo rumo a uma vida mais saudável. Mas, se você não der uma passadinha no médico antes de praticar exercícios, pode acabar prejudicando seu corpo!” (R13); “Quais exames médicos prévios são recomendados para um atleta amador?” (R17); “Devo consultar um médico antes de começar a treinar? Ter o aval de seu médico antes de começar a se exercitar é fundamental!” (R18); “Avaliação médica para exercício físico: eu preciso?” (R23).

Desse conjunto de reportagens, emergem as ideias de “redução de riscos”, “não exposição a uma tragédia ou catástrofe”, “identificação das condições pré-existentes” e “proteção com exames e testes”, por exemplo. Esses achados reforçam a ideia de como as produções midiáticas, mais precisamente os veículos de comunicação, fabricam “verdades de peso” que configuram o imaginário social (Luz; Sabino; Mattos, 2013); no caso aqui, produzem uma espécie de “amedrontamento” *versus* “heroicização médica”.

Nesse sentido, as notícias analisadas demarcam a necessidade de avaliação periódica (preferencialmente multidisciplinar) para liberação ou autorização do sujeito para realizar determinado tipo de exercício físico nas academias, além de um *check-up* contínuo ao longo da sua “vida ativa” com as práticas corporais. Preocupam-se, portanto, eminentemente com os dados biológicos quando comparados aos desejos e interesses dos sujeitos pelo “movimentar-se”. Desumanizam-se as práticas corporais, e o exercício físico se objetifica; na medida em que as notícias não aprofundam quem, como e quando podem ou devem frequentar as academias.

Há tempos Bagrichevsky, Palma e Estevão (2003); Bagrichevsky *et al.* (2006); Bagrichevsky, Estevão e Palma (2007) já denunciavam o reducionismo de compreender as práticas corporais apenas pela via da racionalidade biomédica, uma vez que há uma série de fatores psicológicos, sociais, culturais e políticos que leva os sujeitos a (não) se movimentarem, em especial, nas academias, como lembra Silva (2022b). Assim, as reportagens distanciam-se da noção de morte nas academias como um fenômeno biopsicossocial, inclusive na linha de Saretta (2021), ao não destacarem como os múltiplos aspectos são modulados entre si quando remetem à finitude da vida.

As reportagens destacam também a preocupação especial com as pessoas “sedentárias” e/ou com comorbidades, além daquelas que desejam um “resultado rápido”, por vezes utilizando determinados substâncias ou recursos (i)lícitos. Isso ocorre, de acordo com algumas notícias, principalmente no verão, quando os corpos ficariam mais expostos comparado às outras estações

do ano; ou quando se aproxima de algum evento esportivo (Copa do Mundo ou Jogos Olímpicos, por exemplo).

Essa sazonalidade das reportagens sobre a morte em academias, associada ao “uso indevido do corpo”, acompanha as pioneiras análises históricas de Vigarello (2006), quando se debruça sobre as relações entre as estações do ano e a exposição de si. Como discutido na clássica coletânea de Goldenberg (2007), os cuidados com o corpo, que, teoricamente, tendem a aumentar em determinadas épocas do ano, parecem corresponder ao interesse das reportagens em anunciar as mortes súbitas em academias.

Em menor grau, as coberturas jornalísticas tentam esclarecer aspectos técnicos não somente do exercício físico, como também das manobras que são realizadas para uma possível ressuscitação cardiopulmonar (reanimação cardiopulmonar). Em outras palavras, há um processo de tecnificação do corpo que o reduz à sua dimensão biológica.

Nesse contexto, a análise das coberturas jornalísticas sobre mortes súbitas em academias revela uma clara ênfase na relação entre a medicina e a prevenção, estabelecendo um vínculo entre o exercício físico e a ameaça à vida. No entanto, essa abordagem tende a negligenciar a complexidade das práticas corporais ao reduzi-las predominantemente à perspectiva biomédica. Ao destacar as avaliações médicas e exames como procedimentos fundamentais à participação nas academias, as reportagens podem, inadvertidamente, obscurecer as nuances psicológicas, sociais e culturais que influenciam as escolhas individuais em relação ao movimento corporal. A atenção excessiva às dimensões biológicas em detrimento dos desejos e das motivações pessoais tende a desumanizar as práticas de exercício físico, sugerindo uma objetificação do corpo em prejuízo da compreensão de sua interação holística com o ambiente. Le Breton (2016) argumenta justamente que a visão moderna de corpo atrela-se fundamentalmente aos elementos anatomofisiológicos.

Além disso, a sazonalidade das reportagens sobre mortes em academias, especialmente durante o verão e em períodos de eventos esportivos de grande visibilidade, levanta questionamentos sobre a influência da mídia na promoção de um “culto ao corpo” em determinados momentos do ano. Assim, deve-se destacar que a análise aqui delineada permite a reflexão sobre como essas reportagens podem moldar a percepção pública e criar pressões sociais que estimulam o cuidado corporal voltado para uma aparência física idealizada. Nesse sentido, a abordagem midiática influencia a relação das pessoas com seus corpos, promovendo a noção de que a exposição pública durante esses momentos sazonais requer uma atenção redobrada à saúde e à forma física. Tal fato pode contribuir para um ciclo de expectativas irreais e autocrítica, aspecto que já vem sendo alertado há tempos, como pode ser visto no trabalho de Castro (2004).

Uma análise crítica adicional das reportagens analisadas concentra-se na abordagem das pessoas consideradas “sedentárias” ou com comorbidades. A ênfase nessas categorias pode estigmatizar certos grupos e criar uma dicotomia entre o saudável e o não saudável, reforçando padrões normativos de aptidão física. Essa abordagem parece negligenciar as barreiras estruturais, sociais e econômicas que podem dificultar a participação de certos indivíduos em atividades físicas. Logo, urge a necessidade de considerar fatores sistêmicos que influenciam a participação nas academias, levando em conta as experiências e as realidades diversificadas dos sujeitos em questão, como defende Silva (2022b).

Em suma, a análise das reportagens sobre mortes súbitas em academias revela uma série de nuances e complexidades que podem ser obscurecidas pela abordagem predominantemente biomédica. Essas reportagens não apenas moldam a percepção pública sobre exercício físico e saúde, como também perpetuam normas culturais relacionadas ao corpo e à aparência. A reflexão crítica sobre a influência midiática e a consideração das perspectivas multidimensionais são fundamentais para uma compreensão mais abrangente das práticas de movimento corporal e suas implicações socioculturais.

Deve-se frisar, também, que as próprias reportagens imputam parte da responsabilidade de viver/morrer nas academias aos/às próprios(as) praticantes. Isto é, corresponsabilizam os/as frequentadores(as) na medida em que destacam que eles/elas “deveriam ouvir mais seus corpos”. Na R5, nota-se, por exemplo, uma dica: “ficar de olho em qualquer novo sintoma diferente, especialmente àqueles relacionados aos esforços, também é muito importante”. Na R9, é possível identificar orientações como “observe como o seu corpo responde...”; “trabalhe na ‘zona de

segurança”; “alimente-se bem”; “não transfira seu estresse para o esporte”; “respeite o sono” etc. Na R13, “Fique de olho se durante as atividades você sente palpitações, arritmia, dor no peito, falta de ar desproporcional, tontura, vertigem ou desmaio!”.

No âmago da análise das reportagens sobre mortes súbitas em academias, emerge a tendência de atribuir aos/às praticantes a responsabilidade por sua própria segurança e bem-estar. No entanto, essa abordagem sutilmente esquiva-se de explorar as complexidades subjacentes que podem influenciar a tomada de decisão dos indivíduos. Ao enfatizar que os/as frequentadores(as) “deveriam ouvir mais seus corpos” e observar os sinais de alerta, as reportagens podem, inadvertidamente, negligenciar as pressões sociais e as normas culturais que moldam as percepções individuais de saúde e aptidão física. Destaca-se que a própria noção de “escutar o corpo” revela-se ambígua, uma vez que essa perspectiva assume uma agência individual independente de influências externas, desconsiderando a interação complexa entre o corpo, a mente e o ambiente. Por isso, destaca-se a relevância da obra de Le Breton (2016) sobre os aspectos socioculturais que atravessam o corpo na contemporaneidade, ao não reduzir o sujeito ao domínio biologizante do humano.

Além disso, ao orientar os/as praticantes a operar na “zona de segurança” e a gerenciar variáveis como alimentação, estresse e sono, as reportagens adotam uma abordagem que, embora bem-intencionada, pode subjugar a diversidade de experiências e desafios que os indivíduos enfrentam. As nuances culturais e socioeconômicas que permeiam as vidas das pessoas podem afetar drasticamente suas opções e capacidades de aderir a essas recomendações. Salienta-se, portanto, a necessidade de considerar as disparidades de recursos e oportunidades, bem como a compreensão dos contextos socioculturais que moldam as práticas cotidianas dos indivíduos. Isso significa afirmar que as notícias também precisam levar em consideração que o “movimentar-se” constitui um fenômeno biopsicossocial (Silva, 2017).

A coexistência de instruções detalhadas, como “não transfira seu estresse para o esporte”, com sintomas médicos sérios a serem observados ressalta a ambiguidade das mensagens veiculadas. Enquanto as reportagens incitam os/as praticantes a discernirem entre sintomas benignos e sinais potencialmente fatais, a complexidade de tais distinções não é plenamente explorada. Essa abordagem pode ser percebida como uma transferência sutil da responsabilidade de avaliação de sintomas para os indivíduos, muitos dos quais podem carecer de conhecimento médico para tomar decisões informadas. A ausência de discussão sobre as barreiras que podem impedir a identificação adequada dos sintomas e a falta de compreensão dos contextos individuais podem comprometer a capacidade dos/das praticantes de agir adequadamente em relação à sua saúde.

Em síntese, a análise abrangente das reportagens que enfocam mortes súbitas em academias, considerando as orientações dadas aos/às praticantes, destaca a complexidade das mensagens veiculadas. A abordagem de “ouvir o corpo” e adotar práticas de segurança assume diferentes nuances quando observada com base nas influências sociais, culturais e econômicas que moldam as escolhas e as percepções individuais. Ao adentrar mais profundamente nas implicações das recomendações dadas, revelam-se desafios subjacentes que merecem uma atenção crítica para compreender a interação entre indivíduos, sociedade e saúde.

Conclusão

A pesquisa em tela empenhou-se em apreender como revistas e jornais *online* tratam a morte súbita em academias de ginástica. De acordo com a abordagem da maioria das reportagens, estar em uma academia torna o sujeito vulnerável ao risco de morte, e a racionalidade (bio)médica prevalece como a principal responsável por explicar os fatores e mecanismos da finitude da vida em função do “exercitar-se”.

Diante das reflexões profundas que emergem da análise das reportagens sobre mortes súbitas em academias, torna-se claro que a intersecção entre as perspectivas biomédicas e as dimensões humanas e sociais é um terreno complexo e multifacetado. O exame detalhado das mensagens veiculadas revela uma tendência de atribuir aos indivíduos a responsabilidade pela sua própria saúde e segurança, mediante uma recomendação insistente para que “ouçam seus corpos”.

No entanto, ao adentrar as implicações sociais, culturais e econômicas, bem como as influências normativas e pressões externas, fica evidente que a abordagem das reportagens não abarca a totalidade das experiências e realidades dos indivíduos. A coexistência de instruções específicas com uma gama diversificada de sintomas médicos a serem observados destaca a complexidade das mensagens e, ao mesmo tempo, levanta questionamentos sobre a capacidade dos indivíduos de discernir adequadamente entre eles. Assim, a análise sob a perspectiva das Ciências Humanas e Sociais amplia a compreensão dessas reportagens, revelando a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e contextualizada.

Nessa conjuntura, a pesquisa em questão alcançou uma compreensão enriquecedora das nuances subjacentes à cobertura midiática das mortes súbitas em academias. A análise das reportagens revela tanto a importância atribuída à medicina na prevenção e compreensão dos riscos associados ao exercício físico quanto as limitações inerentes a uma abordagem exclusivamente biomédica. A articulação entre a abordagem biomédica e as Ciências Humanas e Sociais ressalta a necessidade de considerar não apenas as implicações fisiológicas do exercício físico, mas também as complexas interações entre os indivíduos e os sistemas sociais, culturais e econômicos em que estão inseridos. Em última análise, esta pesquisa lança luz sobre a importância de abordagens holísticas para compreender as práticas de movimento corporal e suas consequências, buscando uma representação mais precisa e inclusiva das experiências humanas no contexto das academias e da saúde física em geral.

Por fim, em reconhecimento das limitações do *corpus* de análise deste estudo, recomendam-se mais estudos sobre como a morte e o morrer vêm sendo compreendidos pelos sujeitos que frequentam as academias (profissionais de saúde, praticantes, gestores(as), etc.). Abre-se aqui uma frente de investigação para explorar como, de fato, o “chão das academias” configura-se como um espaço do prolongamento da vida diante da possibilidade de morrer durante as práticas corporais. Indubitavelmente, tais representações sobre viver/morrer durante o esforço físico não revelam apenas como os sujeitos se articulam nesses espaços, mas, sobretudo, traz à baila como determinados grupos sociais pensam, sentem e agem diante do (não) cuidado de si.

Referências

BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A. (Orgs.). **A saúde em debate na Educação Física**. v. 3, Ilhéus: Editus, 2007.

BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Orgs.). **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau: Edibes, 2003.

BAGRICHEVSKY, M. *et al.* (Orgs.). **A saúde em debate na Educação Física**. v. 2, Blumenau: Nova Letra, 2006.

CASTRO, A. L. Corpo, consumo e mídia. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 17-32, 2004.

CASTRO, A. L. **Culto ao corpo e sociedade**: mídia, estilos de vida e cultura de consumo. 2. ed. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, S. M. L. P. Rever Senna: da morte de um ídolo à construção do herói contemporâneo. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 9, n. 24, p. 265-288, 2012.

GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & Vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. 2 ed.

Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. *In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade.* 29 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 79-108.

LE BRETON, D. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver.** Campinas: Autores Associados, 2009.

LE BRETON, D. **La sociologie du corps.** Paris: Puf, 2016.

LIMA, O. P.; CARRIERI, A. P.; LEIBING, A. "Caso", "morto" e afins: significados do cadáver em meio à sua medicalização. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad,** Buenos Aires, v. 35, n. 12, p. 25-36, 2021.

LUZ, M.; SABINO, C.; MATTOS, R. S. A ciência como cultura do mundo contemporâneo: a utopia dos saberes das (bio)ciências e a construção midiática do imaginário social. **Sociologias,** Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 236-254, 2013.

MACHADO, E. P.; SILVA, A. C. Do palco ao túmulo: compreensões sobre mortes de fisiculturistas em coberturas jornalísticas. **Corpoconsciência,** Cuiabá, v. 27, p. e14512, 2023.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac & Naif, 2015.

MENDES, L. M. R.; VIANNA, A. C. F.; FELIX, C. B. A imprensa e o tabu do suicídio: uma proposta de rediscussão do tema. **Comunicação, Mídia e Consumo,** São Paulo, v. 19, n. 56, p. 454-474, 2022.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

ORTEGA, F. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. **Cadernos Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 59-77, 2003.

PRIOR, L. **The social organisation of death: medical discourse and social practices in Belfast.** London: Springer, 1989.

RIBEIRO, R. R. **A morte midiaticizada: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida.** Rio de Janeiro: Eduff, 2015.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da morte.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2017.

SARETTA, M. E. Reagregando o biopsicossocial: a clínica da dor sob análise etnográfica. **Ilha - Revista de Antropologia,** Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 95-114, 2021.

SEYMOUR, W. Containing the body. *In: PETERSEN, A.; WADDELL, C. (Eds.) Health matters: a sociology of illness, prevention and care.* London: Allen and Unwin, 1998. p. 156-168.

SILVA, A. C. Da antropologia da saúde para Educação Física: práticas corporais sob análise. *In: TELLES, S.; LÜDORF, S.; PEREIRA, E. (Orgs.) Pesquisa em Educação Física: perspectivas sociocultural e pedagógica em foco.* Rio de Janeiro: Autografia, 2017. p. 50-57.

SILVA, A. C. Morte súbita no esporte de alto rendimento: mídia nacional sob suspeita. **Lecturas: Educación Física y Deportes,** v. 26, n. 285, p. 186-197, 2022a.

SILVA, A. C. Apresentação. *In:* SILVA, A. C. (Org.). **Corpo e práticas corporais em academias de ginástica**. Curitiba: Bagai, 2022b. p. 5-8.

VIGARELLO, G. **História da beleza**: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WOLF, M. **Teoria da comunicação**: mass media, contextos e paradigmas. 5. ed. Lisboa: Artes Gráficas, 1999.

Recebido em 15 de maio de 2023.

Aceito em 24 de julho de 2023.